

# Memorial

(e não é o de Maria Moura!)

A university creative writing class was asked to write a concise essay containing the following elements: 1. Religion; 2. Royalty; 3. Sex; 4. Mystery. The prize-winning essay read: *'My God', said the Queen, 'I'm pregnant. I wonder who did it!'*\*

## Introdução

Quisera eu ser tão concisa com a minha trajetória quanto a epígrafe acima, mas ao que tudo indica terei que ser um tanto mais detalhista.

Eu poderia ter iniciado esse texto com uma outra frase de efeito: “Eu nasci há dez mil anos atrás, e não tem nada nesse mundo que eu não saiba demais...” (Raul Seixas/Paulo Coelho – Letra de música “Eu nasci...”), mas embora eu não possa concordar com a última parte do dito, confesso que algumas vezes pareço realmente ter nascido há muitos milênio atrás. Quanto ao conhecimento propriamente dito acredito estar mais para Sócrates, porque eu também “só sei que nada sei”, e aquilo que pareço saber me dá sempre a impressão de estar incompleto.

A idéia desse Memorial é fazer a apresentação da minha pessoa àqueles que não me conhecem, bem como de oferecer a todos os que conhecem e os que não conhecem as informações que sejam pertinentes no que diz respeito à feitura de meu doutorado. Farei, é óbvio, o melhor possível, mas na realidade não vejo o que tanto teria que informar.

A idéia de prosseguir meus estudos se manteve desde o momento em que acabei o curso de graduação em 1985, mas as agruras da vida cotidiana me impuseram um caminho bastante diferente do que eu havia traçado. Para que tal diferença possa ser percebida falarei rapidamente quais eram meus planos ao iniciar a graduação em História.

O plano principal ao me candidatar a uma vaga em História foi a de iniciar um longo caminho que me levaria a trabalhar com Arqueologia, sim, pois teria sido esta minha opção se tal existisse no Brasil no momento em que fui escolher minha área de atuação. Como esta não era uma opção viável, pensei que se fizesse o curso de História, poderia – quem sabe? – tentar uma bolsa de estudos para Arqueologia através de uma das agências de pesquisa para um mestrado fora do país.

---

\* Tradução: Numa classe de escrita criativa foi solicitado que os alunos escrevessem um ensaio conciso que contivesse os seguintes elementos: 1. Religião; 2. Realeza; 3. Sexo; 4. Mistério. No ensaio vencedor lia-se apenas: Meu Deus, disse a rainha. Estou grávida, me pergunto quem foi! – Esse texto foi recebido pela Internet via e-mail sendo apresentado como um caso real, mas não posso afirmar que tenha sido um caso real, já que através de outras fontes na Internet, vi o mesmo texto sendo tratado como uma piada.

O plano, é claro, fazia sentido, mas as dificuldades de realização começaram cedo. Primeiramente havia o meu problema pessoal com o “resto da História” pois embora eu sempre tenha amado de paixão alguns períodos da História, em especial os da Antigüidade, havia outros que sempre me pareceram áridos e totalmente desprovidos de qualquer tipo de interesse. Basta dizer que eu teria me animado mais se a matéria tratasse de química orgânica, do que a tais períodos. E também havia os problemas financeiros, já que não tendo nascido em berço esplêndido, precisava trabalhar para sobreviver. No entanto acredito que o maior problema tenha sido realmente algo ligado ao tipo de interesse.

Eu me vejo como uma pessoa essencialmente prática e confesso que alguns cursos excessivamente teóricos me deixaram por demais desanimada com a História como um todo. Não se enganem, mantive sempre aceso meu interesse em Antigüidade, mas não existiam matérias no curso de História em que tal assunto fosse tratado com a profundidade que eu teria desejado e a única exceção ocorreu quase ao final de minha graduação, no segundo semestre de 1984, quando tive meu primeiro contato real com o que eu achava que deveria ser História Antiga. Uma matéria intitulada História Antiga e Medieval II na qual estudamos sobre “O trabalho compulsório na Antigüidade”, ministrada para minha sorte por meu atual orientador, o Professor Ciro Flamarion S. Cardoso.

Foi simplesmente a realização de um sonho dourado. Era exatamente isso que eu estava esperando desde o início. Mas havia um problema. Eu precisava fazer apenas mais uma matéria oficial para obter o segundo diploma, o de bacharelado, já que o primeiro eu obtivera no final de 1983 e não dava realmente para ficar prolongando eternamente esse final de curso com disciplinas eletivas.

O que fiz então foi um tanto desesperador, mas também um tanto cômico como solução. Falarei do mestrado mais adiante por isso não vou me aprofundar no assunto agora, fique claro apenas que não havia como eu buscar mestrado nenhum nesse momento. Então o que fiz?

Minha solução cômico-desesperada foi fazer montes de cursos como ouvinte, todos os que consegui com o Prof. Ciro Cardoso. Não vou me lembrar da ordem exata, mas cursei pelo menos um sobre “A cidade-estado Antiga”, outro sobre “A Índia do Norte Antiga e as origens do Budismo” e de novo o curso de “O trabalho compulsório na Antigüidade”, que da segunda vez tinha um livro com fontes primárias organizado pelo professor Ciro. Estes três eram do ciclo profissional e eram temáticos, mas comecei a fazer também pouco depois, ainda como ouvinte, a matéria do ciclo básico de História Antiga do Oriente em que tive as melhores aulas sobre Pré-história. Não pude, no entanto ir adiante nesse curso porque a essa altura eu realmente estava sendo pressionada para “largar de uma vez a faculdade e dar a devida atenção ao meu trabalho”.

E exatamente nesse ponto entram em cena as tais dificuldades financeiras citadas anteriormente. Sempre precisei trabalhar para sobreviver. Bem, precisei trabalhar desde que aprendi um ofício que me pudesse levar a conseguir um emprego.

Como eu havia feito um curso técnico profissionalizante de Fotografia no Centro Educacional de Niterói, minha ex-escola de primeiro e segundo grau, consegui mesmo antes de me formar no segundo

grau uma série de trabalhos eventuais de fotografia e continuei realizando tais trabalhos até 1982 quando fui convidada pelo reitor da UFF da época, professor José Raymundo Martins Romeo, para substituir o ex-fotógrafo do gabinete que havia se aposentado.

Para entender este convite é necessário esclarecer que minha mãe era muito amiga deste reitor desde os tempos do Instituto de Física da UFF onde os dois trabalharam, minha mãe como funcionária e ele como professor, e que tal professor, como todo bom leonino, se sentia realmente infeliz se não houvesse um flash espocando em seu rosto de tempos em tempos. Então a contratação de um novo fotógrafo era fundamental. Ele já conhecia meu trabalho, pois fotografara a seu pedido a comemoração de sua posse na Galeria da UFF e pouco tempo depois, em novembro de 1982, recebi o convite para trabalhar na UFF como fotógrafa oficial do gabinete do reitor.

Isso de início não atrapalhou a faculdade porque o horário era bastante flexível. Eu só precisava ir trabalhar quando houvesse coisas a fotografar. É claro que poderia ser a qualquer hora, inclusive finais de semana e feriados, mas realmente não atrapalhou as aulas propriamente ditas pelo menos no início porque não havia muitas coisas a serem fotografadas. Exceto pelas posses de todos os diretores de Unidade a que eu e Dona Darcira, chefe do DP na época, éramos as únicas presenças comprovadas, já que mesmo o reitor poderia enviar o vice em seu lugar.

Com o passar do tempo e as atividades fotografáveis aumentando veio então a tal pressão para que eu “acabasse logo a faculdade e pudesse me dedicar a meu trabalho”. O problema, que ninguém conseguia ver era que eu não tinha a menor intenção de prosseguir em minha vida fotografando pessoas em solenidades e coisas do gênero. Eu havia começado o curso de História como um passo inicial ou uma alternativa ao que eu realmente gostaria de fazer, Arqueologia, e naquele momento era importante para mim continuar a batalhar pelo sonho inicial.

Ao terminar finalmente a faculdade, bacharelado e licenciatura – o que foi uma façanha enorme para quem a partir do 5º período ameaçou com regularidade largar tudo e ir cuidar da vida – tentei fazer as coisas que todos tentam ao terminar a faculdade: arrumar algum trabalho dentro de minha área. Consegui um emprego de professora de fotografia no Centro Educacional para alunos de profissionalizante (fazer o quê, não?) e mais tarde fui dar aulas de História no Colégio São Vicente de Paula para alunos de 5ª e 6ª séries, onde tive pelo menos a oportunidade de trabalhar com História Antiga.

É importante ressaltar que nesse período tentei fazer umas pesquisas para ver se eu teria como conseguir algum curso fora do país, mas confesso que não me empenhei muito. Foi um período onde não havia falta de dinheiro, e as finanças pareciam em ordem, mas isso é claro iria mudar. Ansiedade, apreensão e suspense me aguardavam no futuro. E até mais ou menos meados de 1987 minha vida foi esta. Três empregos, pouco tempo para estudar e nenhuma perspectiva de mudança. Até que...

Num ensolarado dia de inverno esbarrei com meu antigo professor de História Antiga, meu atual orientador, Professor Ciro Cardoso que excitado me contou que a Pós-Graduação em História da UFF ia ter a partir do próximo concurso de seleção vagas para História Antiga e Medieval. Ok, não lembro se era

inverno, ou se dia estava realmente ensolarado, mas tenho uma vaga lembrança desse encontro. Foi nas proximidades da Mesbla, nem lembro se o Plaza já existia<sup>1</sup>, mas foi por ali. E me lembro também que a notícia me deixou excitada. Uau! Eu ia poder estudar História Antiga de novo! A vida não era bela? O dia só poderia estar ensolarado.

Mas vamos passar ao próximo capítulo, já que considero toda a preparação para as provas como parte de minha trajetória acadêmica no Programa de Pós-Graduação em História. Não se preocupem, não vou contar tim-tim por tim-tim, só algumas pinceladas estratégicas.

## Parte I: Trajetória acadêmica no PPGH

### ***A preparação para o Mestrado***

No momento em que decidi fazer o mestrado, admito que me senti muito animada, muito mesmo, era como se estivesse finalmente vendo uma luz no final do túnel. Ah meus tempos de inocência! Já se vão anos! Mas deixemos as exclamações e suspiros para uma outra oportunidade. Minha primeira providência foi ir atrás do Edital de Seleção. Saiu em setembro, se não me falha a memória. Nessa época, não era necessário apresentar nem plano nem projeto de pesquisa, mas em compensação eu teria de responder questões não só relativas à História Antiga, mas também à História Medieval, e embora eu sempre tenha gostado de músicas medievais e renascentistas, meu conhecimento da época em questão era pífio, com raríssimas exceções.

De posse do edital, fui atrás dos livros e comprei todos os que eu não tinha. Montes de livros de medieval adentraram minha residência e a única coisa que pude dizer a respeito era que pelo menos as capas eram bonitinhas.

Lembro também que pedi ajuda à Professora Sonia Mendonça, que me arrumou alguns dos livros que eu não consegui encontrar, como também me deu importantes dicas que me ajudaram pelo menos a organizar as leituras da parte de Medieval. Ainda me indicou o livro do Guy Fourquin, *Senhorio e Feudalidade na Idade Média*, que não estava na bibliografia e que ajudou muito.

Bem, não vou contar tudinho, basta dizer que tive uma certa sorte, porque a UFF entrou em greve. Então as provas da Seleção não foram em Janeiro e sim em Março, o que me deu mais tempo para estudar, já que, além da prorrogação do tempo propriamente dito, eu em greve não precisava ir trabalhar.

Li todos os livros da bibliografia, e tentei esquematizar os temas apresentados no Edital. Com os temas de Antiga não tive muito problema. Só torcia que não caísse nada de reinos Helenísticos, porque além de ser um assunto meio chato, também é cheio de detalhes que eu não tinha certeza absoluta de poder me lembrar. Se ao menos a questão fosse feita sobre crise da Pólis (que era a outra parte do tópico

---

<sup>1</sup> O professor Ciro Cardoso depois de ler este material, me informa com certeza da existência do Plaza na época já que o shopping foi inaugurado em 1986.

5)... Medieval também foi totalmente esquematizada, mas o item 3 que falava sobre papas etc estava um caos, era com certeza o pior deles para tentar fazer uma prova.

No dia da prova, fui eu quem sorteou os pontos. Certo? E adivinhem quais pontos eu sorteei para todos fazermos? O 5 de Antiga (pelo menos a pergunta foi sobre crise da Pólis) e como não poderia deixar de ser para encerrar com chave de ouro a desgraça, o 3 de Medieval. Ai! Ai! Ai! Que sorte, não? E eu nem poderia dizer que tinha sido algum tipo de complô, foram minhas mãos que tiraram os pontos. Uma tristeza!

Fiz, acredito, uma boa prova de Antiga. Respondi objetivamente, dando todas as informações solicitadas. Talvez a prova não estivesse muito divertida ou até falhasse por uma certa falta de estilo, mas estava lá tudo que era necessário estar. A prova de Medieval, no entanto, foi uma verdadeira desgraça. Lembrei-me vagamente dos tópicos que eu deveria desenvolver, mas eu não tinha tido realmente muito tempo para digerir tudo aquilo. Liste os tópicos, mas não os relacionei. Não tinha como fazê-lo, não sabia como fazer. Entreguei a prova com um peso enorme no coração, com certeza falhara.

Ao ser chamada para a entrevista e questionada sobre o que eu pensava sobre minha prova, disse exatamente o que pensava. "Fiz uma boa prova de Antiga, mas a parte de Medieval foi uma droga total e absoluta!"

Não me perguntem como, mas passei. Talvez a banca tenha levado em consideração que não era realmente obrigatório, para quem quer trabalhar com Egito Antigo, entender sobre papas medievais, ou algo que o valha.

### ***O Mestrado – 1988-1992***

Não há realmente muito que contar a respeito do Mestrado, a não ser que fiz uma enormidade de disciplinas que não tinham realmente a ver com o que eu pretendia trabalhar, mas como o curso estava iniciando, e só havia dois professores, mais o professor de latim, e eu precisava fazer nada menos do que 12 disciplinas, me vi fazendo coisas como Latim I e II, e várias matérias sobre idade Média. É claro que também havia as partes divertidas, já que as aulas do Professor Ciro continuavam boas como sempre, e eu sempre me diverti nas aulas dele. Não é assim que deveria ser sempre?

Demorei a fazer o projeto, afinal eu não tinha bolsa, e por conta das crescentes atividades impostas pelo mestrado, larguei dois de meus três empregos para poder realmente fazer o curso como devia, mas ao largar os dois empregos comecei a ter alguns problemas financeiros, que mesmo não sendo muito sérios geravam algumas complicações. Dava para ir em frente com um certo cuidado. É claro que a demora não se deveu exclusivamente a problemas financeiros. Eu sou realmente uma pessoa bastante lenta para digerir leituras, pensamentos e coisas do mesmo tipo. E preciso me sentir muito certa do caminho que estou trilhando para poder continuar. Fazer as coisas ao léu para ver como é que fica nunca foi minha praia e ainda não é. Preciso realmente ter uma idéia muito clara do que estou fazendo, e devemos também levar em consideração que precisei fazer montes de matérias que por mais que eu tentasse não tinham nada a ver com meu tema na época: afinal, eu estava com idéia de trabalhar com

técnicas agrícolas no Egito Antigo, e fazer matérias sobre Idade Média apenas geravam trabalhos sobre temas díspares que eu precisava fazer num prazo bem apertado, o que não deixava realmente muito tempo para pensar no que eu realmente iria trabalhar, o que só foi possível quando finalmente terminei todas as disciplinas formais. Fiz, é verdade, várias versões do projeto até ficar realmente satisfeita, mas consegui chegar a um acordo comigo mesma. A defesa ocorreu em 29 de maio de 1990 e trinta meses depois, no dia 24 de novembro de 1992, defendi minha dissertação.

Do que me lembro desse período de trinta meses é: bastante rapidez e facilidade no início e muita dificuldade no final. Cheguei a solicitar duas vezes uma prorrogação por conta de dificuldades pessoais que abundaram no ano de 1992. Dessas dificuldades pessoais algumas realmente não quero falar aqui por acreditar que nada têm a ver com o processo acadêmico, eram realmente pessoais, mas uma delas deveu-se ao término de meu período de afastamento do trabalho, o que me obrigou a retornar ao trabalho cotidiano na UFF.

Achei na época que seria interessante ir para a secretaria do Programa de Pós-Graduação em História não me lembro bem porque (onde estaria com a cabeça, não?), mas logo de início deparei-me com uma situação dentro da própria secretaria que, junto com a ansiedade com o término do trabalho, acabaram por me levar a um período de depressão que prejudicou ainda mais o cronograma previsto.

De qualquer forma com a ajuda de várias pessoas, principalmente meu orientador, o Professor Ciro Cardoso que teve uma paciência interminável comigo, consegui finalmente terminar a dissertação que ainda que em minha opinião não tenha ficado como eu realmente gostaria, não fez propriamente um papel muito feio.

### ***O Interregno e a preparação para o Doutorado – 1993-1998***

Assim que terminei o mestrado tentei o óbvio. Conseguir algum outro tipo de trabalho que justificasse todo o tempo que eu havia investido até então. Solicitei ao Professor Ciro Cardoso uma carta de apresentação, que ele prontamente me forneceu e, juntando-a ao meu currículo e uma carta minha explicando a situação e fazendo minha solicitação, enviei para todas as universidades particulares do Rio de Janeiro e Niterói na esperança de quem sabe conseguir um trabalho. A professora Fátima Gouvêa achou minha atitude muito inglesa, mas não consegui realmente me ver batendo de porta em porta entregando currículos e pedindo emprego. Tal ação não resultou em muita coisa. Recebi uma resposta da PUC-RJ, assinada pela professora Berenice Cavalcanti, dizendo não estar precisando de ninguém no momento, mas que o currículo seria arquivado, e, um pouco mais tarde, cheguei a receber dois convites, um da Universo, que queria que eu praticamente pagasse para trabalhar lá e outro da Veiga de Almeida que provavelmente preferiu alguém com formação em Medieval, já que era essa a ênfase do tal curso para o qual precisavam de professor.

Enquanto isso continuei, é claro, com minhas funções na UFF, decidida a conseguir alguma coisa, nem que fosse fora do estado do Rio. Mas em 1994 minha mãe começou a apresentar sintomas estranhos relativos à falta de memória, não se lembrando às vezes o caminho para casa, e vários problemas de

comunicação, apresentando uma grande dificuldade para dizer as coisas. Fomos à vários médicos, e um tempo depois ela foi diagnosticada com Mal de Alzheimer, uma doença degenerativa que em pouquíssimo tempo tornou-a inteiramente dependente. Não pretendo entrar em detalhes, eles não são fáceis de se escrever, mas não são fáceis de se ler também, acredito que basta dizer que do momento em que soubemos o que a fazia agir do jeito que começou a agir até ela ir para uma pousada minha vida se tornou um total inferno de dificuldades, e confesso não mais pensei em absolutamente nada que tivesse a ver com História Antiga, ou Egito Antigo.

Foi em 1998 que achei ter conseguido uma solução para minha mãe, colocando-a numa pousada para idosos. O lugar era limpo, agradável e as pessoas lá realmente estavam empenhadas em tornar as vidas dos idosos mais aceitáveis, dadas as condições. Amenizado esse problema, comecei, é óbvio, a pensar na possibilidade de um doutorado, o que em minha opinião me facilitaria conseguir um emprego melhor, e afinal das contas eu estava sentindo falta dessa coisa de pesquisa, gosto dessa sensação de ir atrás das coisas, formular idéias, pensar, sugerir possibilidades, sei lá mais o que. Apenas gosto disso, e gosto muito de História Antiga.

O primeiro passo foi pensar sobre o que eu iria pesquisar. E a resposta não tardou muito a vir, eu queria de alguma forma continuar o que havia iniciado no mestrado, queria voltar a trabalhar com técnicas agrícolas, e artesanais e outras que pudesse pensar. A primeira idéia que me veio na cabeça era que eu queria de alguma forma mapear todos os tipos de funções que pudesse ter existido no Antigo Egito. Não sabia como fazer isso muito bem, mas fui procurar o Professor Ciro Cardoso e falar sobre a possibilidade de um projeto para o doutorado. Fiquei em dúvida se poderia ou não procurá-lo, já que eu sabia que ele provavelmente estaria na banca, mas que diabos, eu não estava pedindo para ele fazer o projeto para mim, e sim alguma orientação sobre a temática e como desenvolvê-la, isso não era realmente um problema, inclusive porque eu só estava precisando de um pontapé inicial. Tive, acredito, mais uns dois encontros com ele e apresentei o projeto que tratava sobre os ofícios no Antigo Egito. O tema realmente me agradava, e me senti a princípio bastante animada.

O processo de seleção não foi difícil, na verdade achei-o bem mais fácil do que o do mestrado, já que não precisei fazer prova de Medieval. O caso é que fui aprovada, e entrei no curso em Março de 1999.

### ***O Doutorado – 1999-200?² Ou, Parece mentira!***

Ao ingressar no curso em março de 1999, com um projeto sobre o trabalho no Egito Antigo (As Formas e as Técnicas de Trabalho no Egito Antigo: um estudo iconográfico) percebi que teria algumas dificuldades. Eu continuava com um emprego de horário integral, e imaginei que iria ter muito gastos que meu salário não cobriria, e também precisava me esforçar ao máximo para fazer todo o necessário para conseguir fazer logo a qualificação para iniciar o processo para a bolsa sanduíche, já que sem ela eu dificilmente conseguiria levar o curso até o fim. De qualquer forma eu estava realmente esperançosa que todos os problemas pudessem ser superados sem desgastes excessivos.

---

<sup>2</sup> Como ainda não sei em que ano vou realmente acabar a tese, fica o suspense. Muitos estão na torcida por 2004, mas há, é claro, a soturna possibilidade de ser 2005. Quem saberá?

Parece mentira, mas pouco depois do início do curso fui literalmente bombardeada com um enxurrada de problemas, pessoais, financeiros e tudo mais que possa supor nossa vã filosofia. Até o dólar que permaneceu estável por algum tempo resolveu disparar, tudo bem que a tal da estabilidade era forçada, mas de qualquer forma durante o período de dólar estável eu tinha conseguido não só adquirir alguns de livros importados, o que me dava a impressão de não ter muitos problemas para conseguir os que viesse a precisar, mas também ninguém tinha a desculpa para ficar aumentando preços por conta do dólar. Mas foi só o bicho subir, que tudo, absolutamente tudo, pareceu aumentar de preço, o que só fez desabar tudo o que eu imaginara possível. Comecei a achar que nem a bolsa sanduíche daria certo.

Afora o problema financeiro, tive também problemas com o projeto, que por algum motivo começou a parecer muito mais difícil que parecia de início. Depois de uma conversa com meu orientador confesso que fiquei completamente perdida. O que ouvira não fazia muito sentido para mim e depois de muitos percalços e dificuldades para estabelecer as bases desta pesquisa, chegamos à conclusão, o orientador e eu, que seria mais sensato mudar o tema da pesquisa, o que ocorreu em setembro de 2001. Fiz um segundo projeto intitulado “Mãe, filha, esposa, irmã. Um estudo iconográfico acerca da condição da mulher no Antigo Egito durante a XIX dinastia 1307–1196 a.C.”, e com ele consegui a bolsa Sanduíche a qual usufruí no período de março ao final de junho de 2002 na cidade de Nova York, sob a orientação da professora Lynn Meskell do Departamento de Antropologia da Columbia University.

O principal objetivo desta viagem foi o de conseguir as fontes primárias necessárias para a execução da Tese, já que o Brasil não oferece nenhuma instituição onde se possa pesquisar sobre Egito Antigo. Quanto a este objetivo, penso ter realizado aquilo a que me propus, já que consegui uma grande quantidade de imagens, essenciais para a realização do trabalho proposto.

Devo admitir que meu tempo de adaptação foi bem mais longo do que o esperado. Eu imaginei que em uma semana ou uma semana e meia eu teria superado as dificuldades iniciais, mas não foi esse o caso. Embora esta viagem tenha sido minha sexta experiência em viagens ao exterior, foi com certeza a primeira vez que ao chegar num país estrangeiro não havia ninguém para me esperar no aeroporto e me dar uma mãozinha com as dificuldades iniciais.

Não tive nenhum problema sério na chegada, a não ser um problema com as chaves do quarto que aluguei, o que me deixou trancada fora de casa por quatro horas, no frio e sem ter a quem recorrer, mas fora isso as dificuldades de adaptação não foram causadas por problemas e sim por uma certa depressão. Foram pelo menos três semanas nessa depressão que acredito ter começado no Brasil antes de viajar.

O stress dos últimos preparativos, que por mim já estariam prontos bem antes do que os prazos que a CAPES oferece, a enorme insegurança em relação às finanças, já que o dinheiro da bolsa, como eu havia previsto realmente não foi suficiente para todas as despesas. New York é uma cidade cara e todos os gastos foram acima do esperado. Tais despesas excedentes foram cobertas por empréstimos e ajudas de amigos. O que atrapalhou muito o desenvolvimento da Tese, já que por não dispor de uma bolsa de

estudos conto apenas com o meu salário de funcionária pública que não cobre atualmente minhas despesas domésticas.

A Columbia University me ofereceu uma boa cobertura que, além de endereço de e-mail, me permitiu uma cota de impressão de 100 páginas semanais, além do acesso gratuito a suas bibliotecas. Mas a possibilidade de pegar livros emprestados não foi gratuita e tive que desembolsar um total de 120 dólares, já que a carta relativa às Taxas Acadêmicas não foi aceita para qualquer despesa. A Columbia University também forneceu uma carta para abertura de conta bancária, a qual utilizei, já que o Banco do Brasil sequer me deu um retorno sobre a conta que tentei abrir lá.

Quanto ao trabalho de pesquisa propriamente dito, depois de iniciado, não ofereceu qualquer problema mencionável. Foram pesquisados no período, um total de 152 (cento e cinquenta e dois) livros, dos quais 98 (noventa e oito) foram copiados através de xerox ou fotografados perfazendo um total de 301 (trezentas e uma) cópias xerox e 6563 (seis mil quinhentas e sessenta e três) fotografias. O método a que dei preferência para a realização das cópias foi o de fotografar tanto imagens quanto textos já que ao usar uma câmera digital o custo das fotografias era 0 (zero) enquanto as cópias xerox custavam U\$0.35 (trinta e cinco cents) por página na Wilbour Library e U\$0.10 (dez cents) por página nas Bibliotecas da Columbia University.

Ao retornar, no prazo estabelecido pela bolsa, comecei imediatamente o trabalho de revisão e triagem das fotografias, o que levou bem mais tempo que eu supus, já que não pude de imediato imprimir as fotos por total falta de verba.

Por conta deste atraso decidimos mais uma vez, o orientador e eu, que seria mais prudente que eu trabalhasse com apenas uma parte das imagens que eu trouxe, aquelas pertencentes ao cemitério de Deir el-Medina, o que diminuiu bastante o número de tumbas com imagens a serem usadas (de 139 para 22).

## Parte II: Andamento da pesquisa

Se levarmos em consideração que a mudança de tema foi em setembro de 2001, não poderemos realmente afirmar que estou atrasada, o único problema é que a contagem do tempo não reinicia a cada vez que mudamos de temática.

Antes da viagem eu não podia realmente fazer muita coisa já que não estava de posse do material necessário para sequer iniciar a pesquisa. Fiz é claro algumas leituras, mas ainda que a casa de meu orientador seja um ótimo local para encontrar muitas das coisas que nós, pobres necessitados de História Antiga, não temos onde mais procurar, há limites.

Depois da viagem fiquei enrolada financeiramente para imprimir todas as fotos que havia tirado, o que acabou atrasando ainda mais e devo confessar que a preocupação com o tempo está me atrapalhando sobremaneira, já que meu passo habitual é bem mais lento que o que estou tentando impor,

e isso tem causado mais confusão do que qualquer outra coisa. Ao ir mais rápido, acabo deixando de fazer muitas coisas importantes e acabo sempre tendo que voltar atrás para refazer parte do caminho.

De qualquer forma acredito que posso dizer que eu tenha terminado uma parte importante da pesquisa. Minhas imagens já estão devidamente identificadas, fichadas e catalogadas. É óbvio que ainda falta a análise, mas pelo menos já tenho o que analisar.

### Parte III: Conhecimentos acumulados no campo específico de estudo

Não acho realmente que seja possível listar ou falar sobre conhecimentos acumulados, minha cabeça chega dar um nó ao tentar fazer algo do gênero. Talvez porque eu sempre seja muito literal tenho certeza que iria tentar exatamente isso listar os conhecimentos acumulados e isso definitivamente não me parece possível.

Acho que mais do que conhecimentos contabilizáveis o que adquiri no decorrer de meus cursos de história, graduação, mestrado e agora o doutorado, foi uma espécie de experiência de vida. Lembro-me uma vez em casa da professora Sonia Mendonça em que ela afirmou não apenas “dar aulas de História” mas ela realmente “vivia a História” ou mais especificamente “vivia historicamente”. Está certo que no momento que escutei isso, não processei o pensamento por completo, eu era muito tenrinha. Mas agora pensando na afirmação acredito que seja o que eu realmente possa listar. Eu aprendi a viver historicamente.

Quanto a conhecimentos específicos, ou coisas listáveis como publicações ou participação em eventos, não tenho realmente nada que valha realmente citar. Acredito ainda estar na ante-sala da História, nada produzi, nada acrescentei, apenas mantive meus sentidos atentos no caminho, se isso valeu ou não a pena, só o tempo dirá.

Não tenho ilusões de grandeza, não me acho um gênio injustiçado a quem nunca foi dada uma oportunidade, ao contrário, tenho muitas dúvidas sobre o que posso vir a realizar nessa área de História Antiga. Acredito que eu tenha um modo de pensar relativamente organizado, e acredito que com afinco eu possa fazer algumas coisas que a princípio não me considere inteiramente capaz, mas meu problema é exatamente este. Tenho sempre essa impressão de não ser inteiramente capaz. Não é nenhum tipo de falsa humildade, acredito ser mais uma grande insegurança. Não sei realmente se todas as pessoas se sentem assim e apenas descobrem uma maneira de seguir adiante. Se for este o caso, ainda não descobri o meu jeito, e a única coisa que tenho certeza nisto tudo é que realmente gosto de terminar o que inicio.